

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-OP-013

Entrevistado: Raimundo Aloísio Mendes

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Ouro Preto / Sala de Histórias

Data da entrevista: 30/01/2007

Horário da entrevista: 9h

Duração da entrevista: 56mim17seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadora: Elodia Honse Lebourg

Gravação da entrevista:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Luana Campos e Silva (monitora)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Bernardo Alves de Brito Andrade

Data da transcrição: 11/03/2007

Conferência de fidelidade: Elodia Honse Lebourg

Data da conferência: 15/03/2007

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

Elodia Lebourg – Bom dia.

Raimundo Mendes – Bom dia.

Elodia Lebourg – Eu queria começar com o senhor dizendo seu nome completo.

Raimundo Mendes – Meu nome é Raimundo Aloísio Mendes.

Elodia Lebourg – Quando e onde o senhor nasceu?

Raimundo Mendes – Eu nasci em 20 de dezembro de 1960. Sou nascido em Saramenha, bairro de Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Qual é o nome dos seus pais?

Raimundo Mendes – Meu pai chamava-se Raimundo Nonato Mendes e minha mãe, Cândida Marotta Mendes.

Elodia Lebourg – De onde eles são?

Raimundo Mendes – Meu pai é originário de Ouro Preto e minha mãe, Ponte Nova¹.

Elodia Lebourg – Eles trabalhavam com o quê?

Raimundo Mendes – Meu pai era mecânico, era funcionário da ALCAN², e minha mãe era do lar, era doméstica.

Elodia Lebourg – O senhor tem irmãos?

Raimundo Mendes – Tenho cinco irmãos.

Elodia Lebourg – Cinco irmãos? Além do senhor, algum outro trabalhou com garimpo?

Raimundo Mendes – Sim. Na verdade, minha família toda esteve envolvida em garimpo, na região de Saramenha. A gente tinha um terreno que produzia topázio imperial, produz topázio imperial. Nas folgas da escola – porque a gente estudava –, como uma fonte de renda para ajudar a renda do meu pai, que não ganhava muito trabalhando na ALCAN, a gente ia para o garimpo, mexia nas terras lá, no terreno que pertencia à nossa família. Então, a gente passou a nossa infância praticamente dentro dessa área de garimpo, entendeu? Inclusive nas folgas – ele trabalhava como funcionário da ALCAN –,

¹ Município de Minas Gerais.

² A ALCAN era uma fábrica de alumínio localizada em Ouro Preto. Atualmente, chama-se Novelis do Brasil Ltda.

sábados, domingos, férias, meu pai garimpava também. Ele também era um garimpeiro nesta região de Saramenha.

Elodia Lebourg – Foi seu pai que comprou esse terreno, a que você está se referindo?

Raimundo Mendes – Não. Esse terreno – na região de Saramenha, conhecido hoje como Vermelhão³ – era de herdeiros e meu pai era um dos herdeiros. Esse terreno foi vendido há alguns anos. Hoje já não pertence mais à gente. Mas isso veio de herança de família. Era uma terra que nós tínhamos cercado. Depois descobrimos que tinha topázio nesta região.

Elodia Lebourg – Ah, originalmente vocês não sabiam!

Raimundo Mendes – Sabíamos. Só que, como no início não tinham valor comercial, as pedras ficavam por lá, outras pessoas levavam para fora. A partir do momento em que as pedras foram reconhecidas no mercado e foram avaliadas... Aí começou a comercialização dessas pedras, entendeu? É coisa bem velha, bem antiga! [riso]

Elodia Lebourg – Entendi. Então o senhor e seus irmãos, durante a infância...

Raimundo Mendes – Infância, nossa juventude.

Elodia Lebourg – ... chegaram de certa forma a trabalhar com o garimpo.

Raimundo Mendes – Era um meio assim de... Era um complemento de renda da minha família, entendeu? A gente garimpava, achava algumas pedrinhas, vendíamos. Eu e meus irmãos. Foi assim durante muitos anos. Depois, o pessoal saiu para trabalhar, porque não dava para viver com aquela renda, que era coisa muito incerta. Às vezes achava, às vezes não achava. Aí cada um foi trabalhar na sua profissão.

Elodia Lebourg – Em termos de preço, não valia a pena explorar mais sistematicamente?

Raimundo Mendes – Não valia, porque as pedras foram ficando cada vez mais difíceis e a gente não tinha capital para explorar o terreno. E as coisas vieram mudando também, não é? Hoje, por exemplo, tem Meio Ambiente⁴: tem que ser tudo legalizado, não tem mais como fazer exploração. Foi ficando cada vez mais difícil. Quando as pedras saíam por cima do terreno, quando chovia, a gente ia catar essas pedras. Explorava também no córrego – um corregozinho

³ Mina do Vermelhão, dedicada à exploração de topázio imperial.

⁴ Refere-se aos órgãos governamentais relacionados à legislação, preservação e fiscalização do meio ambiente.

que passava no fundo da lavra, no terreno lá. A gente garimpava nessa região: eu, meus irmãos, outras pessoas, outros parentes meus, porque minha família era muito grande. É muito grande a família. Então, era uma fonte de renda que nós tínhamos. Com o passar dos anos, foi ficando cada vez mais escasso, mais difícil o garimpo. Hoje é quase impossível garimpar nessa região.

Elodia Lebourg – Explica para a gente como é uma jazida de topázio imperial. Ouro a gente encontra em rio, em mina. Como é com topázio imperial? Como vocês achavam isso no terreno?

Raimundo Mendes – O topázio imperial, em Saramenha, é em formato de cata. Tem que descer... O topázio, no princípio, dava mais à flor da terra, mais em cima. À medida que se vai trabalhando, dá um veio – na nossa região, principalmente, é um veio que dá –, tipo veio de ouro, diferente do de ouro. Tem que seguir aquele veio para encontrar as pedras. À medida que vai cavando o terreno, ele vai só aprofundando; vai ficando cada vez mais difícil. Tem a exploração em forma de cata e em forma de mina. E tem a exploração nos córregos: é o rejeito que desce da lavra e cai nos córregos. No caso de Saramenha, tem o córrego do Tripuí, onde o pessoal garimpa. Desce o rejeito da lavra, o pessoal trabalha com peneira de mão, enxada, pá, essas coisas assim.

Elodia Lebourg – Então, no garimpo, a gente pode dizer que você começou a trabalhar desde criança.

Raimundo Mendes – Desde criança, desde muito novo. Posso dizer para vocês que desde os sete anos de idade, mais ou menos. A gente saía da escola, do Grupo, e ia para o garimpo. Muitas vezes, ia levar almoço para os garimpeiros que trabalhavam nessa região, e ficava por lá, catando o rejeito, a sobra deles. Eles jogavam aquela terra fora e nós íamos garimpar o que eles já tinham garimpado. Ali você arrumava uma pedrinha, vendia no comércio e tal. Tinha uma rendazinha que era da gente, entendeu?

Elodia Lebourg – Além dessa profissão, o senhor trabalhou em alguma outra área?

Raimundo Mendes – Outra área? Como você quer dizer?

Elodia Lebourg – Sem ser como garimpeiro.

Raimundo Mendes – Trabalhei. Toda vida fomos ligados ao garimpo. Nós estudamos, eu e meus irmãos. Eu trabalhei na ALCAN, fiz um curso do

SENAI⁵, SENAI da ALCAN. Trabalhei na ALCAN durante muitos anos e, mesmo assim, nos meus intervalos, nas folgas, a gente voltava para o garimpo. Sempre garimpamos. Sempre fomos atrás.

Elodia Lebourg – Esse curso do SENAI, que o senhor fez, foi um curso de quê?

Raimundo Mendes – Eu fiz um curso de Eletromecânica no SENAI. Sou formado no SENAI.

Elodia Lebourg – Eletromecânica?

Raimundo Mendes – Eletromecânica.

Elodia Lebourg – Aí o senhor conseguiu seu trabalho na ALCAN?

Raimundo Mendes – Consegui meu trabalho na ALCAN. Fui trabalhar na ALCAN até me aposentar, não é? E hoje ainda, de vez em quando, a gente mexe em um garimpozinho por aí fora. Há alguns anos, as coisas estavam muito difíceis, eu não estava conseguindo emprego. Aí nós montamos uma equipe e fomos trabalhar no garimpo de Antônio Pereira⁶. Trabalhamos lá por uns dois, três anos na exploração de topázio. Depois ficou muito escasso, ficou muito difícil: as pedras ficaram ruins, cada vez mais. Ficou muito inviável, tinha muito túnel, muita mina que eles cortaram – uns garimpeiros de Valadares⁷ perfuraram o terreno quase todo. Então, ficou muito difícil para nós continuarmos trabalhando lá. Foi quando eu tive que arrumar emprego. Vim trabalhar na ALCAN, onde fiquei até há pouco tempo, quando me aposentei.

Elodia Lebourg – Nesse tempo de ALCAN, o senhor trabalhou em que área?

Raimundo Mendes – Trabalhei na subestação elétrica, subestação de energia da ALCAN.

Elodia Lebourg – Por quanto tempo?

Raimundo Mendes – Trabalhei 17 anos nessa área. Anteriormente, quando era mais jovem, trabalhei na Vermelhão Mineração, na exploração de topázio. A gente trabalhava no sistema de mina. Trabalhamos em sistema de lavagem, de garimpagem de topázio, no sistema de lavador – lavava a terra que explorávamos.

Elodia Lebourg – Qual é o nome da firma?

⁵ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

⁶ Distrito de Ouro Preto.

⁷ Governador Valadares, município de Minas Gerais.

Raimundo Mendes – Vermelhão Mineração, onde trabalhei. Foi meu primeiro emprego.

Elodia Lebourg – Onde era?

Raimundo Mendes – Em Saramenha, onde eles extraíam o topázio imperial.

Elodia Lebourg – Isso foi em que momento? Foi antes da ALCAN?

Raimundo Mendes – Isso foi antes da ALCAN. Foi no início. Há uns 30 anos, mais ou menos, eu trabalhei nessa área.

Elodia Lebourg – Dessa firma Vermelhão você foi para a ALCAN.

Raimundo Mendes – Dessa firma eu fui para a ALCAN. Eu saí dessa firma, dessa mineração... Em Saramenha, eu trabalhei em duas minerações ligadas ao topázio imperial. Depois saí... Fiz o curso no SENAI... Trabalhava na mineração de dia e estudava à noite. Depois saí, fiz o curso no SENAI, aí consegui uma vaga na ALCAN. Eu achei que era mais viável ficar na ALCAN e fui trabalhar na ALCAN. Trabalhei na ALCAN por quase 20 anos. Hoje, eu ainda mexo com alguma atividade ligada ao garimpo, entendeu? A gente mexe em umas regiões aí. Mas estão muito escassas as pedras, mas estamos tentando.

Elodia Lebourg – Senhor Raimundo, explica para a gente este termo: o que é garimpo? Em que consiste essa atividade de garimpar?

Raimundo Mendes – [riso] Agora você me pegou! Gravou, não é? Para mim, eu entendo que o garimpo é o seguinte: é uma forma de você apurar alguma coisa que está escondida. No caso do garimpo, é uma coisa que está debaixo da terra. Você tem que apurar, você tem que... Garimpo é procurar uma coisa que está escondida. Para mim, entendeu? Ah! É tentar a sorte em um lugar onde a gente possa... É tipo uma loteria, é a mesma coisa de você fazer um cartão e ficar aguardando o sorteio. Você pode ganhar e você pode também não ganhar nada. Para mim, o garimpo é isso. O garimpo é uma forma de procurar uma coisa que está oculta. Eu acho assim.

Elodia Lebourg – O senhor sabe me dizer se existe alguma diferença entre garimpar e minerar?

Raimundo Mendes – Existe, existe, existe. Eu acho que o garimpo é mais manual, é mais artesanal, exige mais esforço físico da pessoa. Agora, para minerar você tem equipamentos, você tem máquinas, você tem tecnologia.

Para mim, a mineração é assim. Agora, o garimpo não. O garimpo é mais artesanal, é coisa manual. Isso é o meu modo de pensar, entendeu?

Elodia Lebourg – O senhor sabe dizer algo a respeito da origem do garimpo em Ouro Preto? Quando começou? O que se garimpa?

Raimundo Mendes – Em Ouro Preto garimpou-se muito ouro. Tanto que tem mina espalhada para todo lado aí. Desde a época dos bandeirantes, não é? Ouro Preto era muito rica em ouro; eu acho que é ainda bastante rica em ouro. Em Ouro Preto se garimpa ou ouro ou topázio imperial que tem na região. Agora está mais escasso, mas teve com muita fartura, com muita... Tinha bastante, só que hoje está escasso. No princípio, quando foi fundada a cidade, quando se descobriu a cidade, essa região de Ouro Preto, existiam com muita abundância pedras, topázio, ouro também, não é? Hoje, não. Hoje está mais difícil. Mas, no princípio, tinha muito, muitas pedras, muito ouro.

Elodia Lebourg – A cidade se chama Ouro Preto. Por que ela tem esse nome? O que é ouro preto?

Raimundo Mendes – Ouro preto porque o ouro era mais escuro do que o ouro comum, normal. Geralmente, o ouro é dourado. E o ouro de Ouro Preto tem um esmeril: é um ouro mais escuro. Ele dá muito um esmeril. Na hora de apurar, tem que tirar aquele esmeril. Então o ouro sai mais escuro. Por isso fica Ouro Preto. Talvez seja por causa da cor do esmeril que dá nos córregos, na formação geológica da cidade, nesse terreno de Ouro Preto. Eu creio que seja por causa disso.

Elodia Lebourg – Mas o que é o esmeril?

Raimundo Mendes – Esmeril é tipo um minério que dá no veio do ouro. Onde tem o veio de ouro dá esse esmeril, essa... É tipo um minério. Então o ouro sai muito escuro. Tem que trabalhar o ouro para ele chegar à cor do amarelo, do dourado. Por isso se chama ouro preto: o ouro é mais escuro que o das outras regiões.

Elodia Lebourg – Aqui na região, o senhor saberia dizer nomes de locais ou de rios que foram dados a partir dessas atividades de mineração? Porque a gente tem Ouro Branco, tem Ouro Preto... E outros lugares aqui?

Raimundo Mendes – Com nomes de...

Elodia Lebourg – Nomes que tenham a ver com mineração, com atividade garimpeira?

Raimundo Mendes – Na região, não. Que eu saiba, não. Você quer dizer nomes de minerais, nomes de pedras?

Elodia Lebourg – Nomes que foram dados a rios ou a cidades.

Raimundo Mendes – Você fala em Ouro Preto, não?

Elodia Lebourg – Na região.

Raimundo Mendes – Tem Diamantina⁸, onde deu diamante. Foi muito rica em... Acho que ainda deve ter diamante por lá. Que eu saiba, não é? Deve ter mais assim... Outros lugares aí... Eu não lembro agora, mas tem o nome geralmente da pedra ou da coisa encontrada, do minério encontrado naquela região. Mas assim não lembro.

Elodia Lebourg – Tudo bem. Existe alguma devoção religiosa, algum santo que é específico do garimpeiro?

Raimundo Mendes – Olha, garimpeiro pega muito com Nossa Senhora Aparecida⁹, a santa padroeira do Brasil. Então, eles pegam muito com... Hoje, acho que a maioria se apega a Nossa Senhora Aparecida.

Elodia Lebourg – Por quê?

Raimundo Mendes¹⁰ – Santo Expedito... São Judas Tadeu... São os santos das causas impossíveis. Esse pessoal pega é assim. Eles vão para esse lado aí.

Elodia Lebourg – Por quê? O garimpo é uma causa impossível? [risos]

Raimundo Mendes – É uma causa impossível. [riso] Ah, é uma coisa difícil! É muito difícil!

Elodia Lebourg – Tem alguma data especial que é comemorada pelo garimpeiro em geral, na região?

Raimundo Mendes – Não, não tem. Não tem nenhuma data especial, não.

Elodia Lebourg – O senhor falou que aprendeu a garimpar quando criança.

Raimundo Mendes – É, desde criança a gente mexe.

Elodia Lebourg – Como o senhor aprendeu isso, ali no seu terreno? Foi seu pai quem te ensinou? Foram seus irmãos?

Raimundo Mendes – Não. A gente aprendeu assim... Aprendeu com as pessoas, com os garimpeiros de outras regiões que passaram por lá, que

⁸ Município de Minas Gerais.

⁹ No dia 12 de outubro, comemora-se o dia de Nossa Senhora Aparecida.

¹⁰ O entrevistado não respondeu à pergunta.

vieram para cá. E mesmo com o pessoal da região nossa lá, que toda vida foi ligado ao garimpo. Então a gente aprendeu com eles. O pouco que a gente sabe, a gente aprendeu com eles, vendo trabalhar, vendo mexer, não é? A gente copiava. A forma como eles trabalhavam a gente imitava, trabalhava junto. E foi passando de geração para geração.

Elodia Lebourg – O senhor possui algum registro profissional que o identifique como garimpeiro?

Raimundo Mendes – Não, eu não tenho registro nenhum. Assim como a maioria dos garimpeiros aí não tem. Hoje não tem mais... É tudo autônomo mesmo. Um mexe aqui, outro ali, nessas regiões de Ouro Preto, Rodrigo Silva¹¹, não é? A maioria é autônoma. Não tem ninguém registrado, não.

Elodia Lebourg – Mas existe algum tipo de registro?

Raimundo Mendes – Não, não tem registro. Agora eles estão tentando fundar uma associação de garimpeiros aí.

Elodia Lebourg – Em Ouro Preto?

Raimundo Mendes – Em Ouro Preto, na região de Ouro Preto. Aí pode ser que o pessoal vá ser registrado, cadastrado, para ver como vai ficar isso aí, entendeu? Não tem um registro assim, catalogado nada não.

Elodia Lebourg – No país, de uma maneira geral, não existe este tipo de certificação?

Raimundo Mendes – Deve ter, mas tem muita burocracia e tal. E eu não sei como se faz para conseguir. Tem a carteira de garimpeiro, que a maioria das vezes a pessoa até consegue, mas é uma coisa muito incerta, muito difícil conseguir, entendeu? E não dá muita garantia também, em termos de garimpo.

Elodia Lebourg – É preciso ter alguma habilidade especial para garimpar?

Raimundo Mendes – O garimpo depende muito da sorte. É muita sorte e força física. Sem saúde, sem força física, a pessoa não consegue tirar as pedras, porque é um serviço muito pesado! É muito pesado o serviço de garimpeiro! Apanha muita friagem e tal. Principalmente hoje quando mexe mais em córregos, em rios. Então, é muito difícil. O garimpeiro conta muito com a sorte. Uns conseguem, outros não. É difícil. Às vezes, a pessoa até desanima! Tenta

¹¹ Distrito de Ouro Preto.

entrar nessa atividade e não consegue prosseguir. Outros já ficam a vida inteira e não conseguem nada também. Desse jeito. Garimpo é isso aí.

Elodia Lebourg – Que tipo de material se utiliza no garimpo de topázio?

Raimundo Mendes – Olha, no topázio usa-se enxada, pá, picareta, peneira... Você fala ferramenta, não é? É esse tipo de coisa no garimpo manual. É só isso aí. Essas ferramentas normais: enxada, pá, picareta e peneira.

Elodia Lebourg – Para que se usa a peneira?

Raimundo Mendes – Para peneirar o material que você tira do fundo do córrego, do rio, no caso, não é? Tem que peneirar para fazer a apuração.

Elodia Lebourg – Mas dá topázio em fundo de rio?

Raimundo Mendes – Dá por causa dos rejeitos que descem das lavras. Geralmente, um córrego que passa perto de uma lavra... Dá enxurrada e o material vai para dentro do rio. É como se apura o ouro. O ouro é da mesma forma. O ouro... Quer dizer, chove, a enxurrada desce a serra e leva o ouro para dentro do rio. Aí a pessoa tem que ir lá, garimpar e tirar o ouro. Da mesma forma é o ouro.

Elodia Lebourg – Para se extrair o topázio imperial, tem alguma forma que não seja o garimpo manual?

Raimundo Mendes – Tem. Através de máquinas dentro das lavras se consegue. Equipamento... Aí já é mineração. É o que eu estava falando com você, a diferença para o garimpo. Aí usa máquina, vai limpando o terreno até chegar às pedras, até chegar ao veio para tirar as pedras.

Elodia Lebourg – Que tipo de máquinas são essas?

Raimundo Mendes – São carregadeiras, retroescavadeiras, esse tipo de máquinas pesadas... Pesadas não. Retro, carregadeiras, pás mecânicas, caminhões para limpar a área, para fazer a limpeza do terreno para se chegar ao terreno que dá as pedras. É dessa forma que é feita a mineração. Nesse rejeito que é jogado fora... Costuma ter um riozinho que passa ali perto. Às vezes, dá uma chuva, desce para dentro do córrego e o pessoal vai garimpar ali. A gente tira as pedrinhas. É por aí. Garimpo é por aí.

Elodia Lebourg – Dependendo do tipo de material que você está procurando no garimpo, tem diferença no equipamento que se usa?

Raimundo Mendes – Não, o básico é isso que eu te falei. O básico é isso aí. Não tem diferença, não.

Elodia Lebourg – Tanto para ouro quanto para topázio [inaudível].

Raimundo Mendes – É, o sistema é o mesmo. Só que no ouro se usa a bateia. Tem a bateia que você usa para apurar o ouro, porque o metal é mais fino. Já é um metal, não é? E o topázio são pedras. O ouro é um metal e o topázio é pedra. Então exige bateia para você apurar esse ouro. Você tira o material, aquela areia do fundo do rio, e vai ter que batear para apurar o ouro. O topázio já não exige essa técnica, porque são pedras, são maiores. Então não tem tanto...

Elodia Lebourg – Mas o que é apurar o ouro?

Raimundo Mendes – Apurar porque ele sai no meio da areia. Você tem que batear. Geralmente, o ouro fica no fundo da bateia. Por ser mais pesado, ele desce para o fundo da bateia, e você vai tirando aquele material de cima, vai limpando, vai descartando aquele esmeril, aquele cascalho de cima ali. E o topázio não. O topázio, se você passa na peneira, são pedras, são maiores, você consegue garimpar melhor, tirar com mais facilidade. O ouro exige mais.

Elodia Lebourg – Então, aqui na região, quando se descobre o ouro, ele é menorzinho. Ele é um grão?

Raimundo Mendes – Ele é metal. Ele é fininho, mais fino que um açúcar assim. Ele é muito fininho, é pó mesmo, entendeu?

Elodia Lebourg – E o topázio são pedras.

Raimundo Mendes – São pedras. O ouro é metal precioso e o topázio são pedras. Então há diferença.

Elodia Lebourg – Qual é a aparência desse topázio imperial de Ouro Preto? Como ele é? Geralmente é grande? Que cor é por dentro?

Raimundo Mendes – São várias cores. Tem de todos os tamanhos. Posso dizer para você que tem amarelo, tem vermelho, tem laranja... São quatro cores básicas: laranja, amarelo, vermelho e roxo. E são de vários tamanhos, não muito grandes. Vamos supor, de uns 100 gramas para baixo. São pedras comuns.

Elodia Lebourg – Mas ele é pesado? Cem gramas...

Raimundo Mendes – Cem gramas é uma pedra assim¹²... Essa pedra...

Elodia Lebourg – Cinco centímetros, 10?

¹² Mostra com as mãos o tamanho aproximado das pedras.

Raimundo Mendes – É assim, nessa base. Vinte centímetros, 10 centímetros.

Elodia Lebourg – Dependendo da cor, varia o preço de mercado?

Raimundo Mendes – Varia o preço da cor. Quanto mais corado maior o valor.

Elodia Lebourg – Corado?

Raimundo Mendes – Corado quer dizer assim mais cor. Cor mais fechada, não é? Com mais tom de cor, mais corado. Tanto que a gente fala pedra corada. As pedras coradas valem mais; as de menos cor valem menos, entendeu?

Elodia Lebourg – Dizem que esse topázio imperial, no mundo inteiro, só se encontra aqui em Ouro Preto.

Raimundo Mendes – É. Outros lugares têm, mas o mais famoso, o mais conhecido é o de Ouro Preto. Em toda região, todo pessoal que mexe nessa área aí... O de Ouro Preto é o mais falado, o mais conhecido. Dizem que outras áreas têm: na Rússia tem, em outros lugares... Mas o mais procurado é o de Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Isso ajuda a valorizar o preço dele?

Raimundo Mendes – Ajuda a valorizar o preço porque... Uma: por ser desta região de Ouro Preto, uma cidade mundialmente conhecida, não é? E leva esse nome de imperial; então, ajuda bastante! [riso]

Elodia Lebourg – Senhor Raimundo, como se escolhe um local para garimpar? O que é necessário observar para escolher?

Raimundo Mendes – Olha, é difícil. Tem que fazer pesquisa de solo e tal para ver. Hoje tem muita técnica, tem muita coisa aí, tem muita forma de pesquisa. Então, tem que olhar o terreno, ver direitinho. Ter um técnico hoje... Hoje é uma pessoa, um engenheiro, uma pessoa que entende dessa área, para fazer uma pesquisa para ver se tem alguma coisa. Mas é muito difícil.

Elodia Lebourg – Mas, e no caso do garimpeiro, que normalmente não vai ter esse recurso técnico?

Raimundo Mendes – O garimpeiro vai pela sorte, pesquisa manual: vai andando para esses matos aí. Quando descobre alguma coisa, faz uma catazinha, um buraco e começa a garimpar para ver se tem alguma coisa. Também as áreas de topázio já são todas conhecidas, não tem uma assim... De muitos anos para cá, a gente não ficou sabendo que aparecesse outra área,

outro terreno novo que desse pedra. No caso do ouro também. As áreas já são conhecidas, já são coisas bem conhecidas aqui na região.

Elodia Lebourg – Geralmente, em que tipo de área dá topázio? O senhor falou que, antigamente, se achava mais próximo ao solo; agora tem que escavar. Mas existe alguma característica geral que define essas regiões: o tipo de pedra, o tipo de solo...?

Raimundo Mendes – Não. Não tem, não. Só para te citar, nesta região de Ouro Preto, é sujeito o topázio aparecer em qualquer lugar aí, porque esta região é muito rica em pedra. Então, não tem assim uma coisa, não. Como eu te falei, as áreas de topázio já são conhecidas, não aparecem outras áreas novas. Geralmente, é essa região de Rodrigo Silva, Antônio Pereira, Saramenha, regiões já conhecidas pelos garimpeiros. O pessoal está sempre nessas áreas aí. Em Itatiaia¹³ também, que pega o rejeito de Rodrigo Silva, dá umas pedrinhas. Mas as regiões já são todas conhecidas dos garimpeiros, que estão mexendo aqui ou lá.

Elodia Lebourg – Dependendo do mineral que a gente está buscando, varia o tipo de local?

Raimundo Mendes – Não. Basicamente é quase tudo igual. Não tem muita diferença, não. As diferenças são poucas. É quase o mesmo material... As pedras são as mesmas, sempre iguais.

Elodia Lebourg – Senhor Raimundo, quais são as etapas de um garimpo? A partir do momento que você descobre, por exemplo, o topázio imperial, o que se faz em seguida?

Raimundo Mendes – Olha, a partir do momento que a gente descobre, o pessoal tem mais é que garimpar, para explorar aquela região, para ver se realmente compensa. Às vezes, dá um filetezinho só de pedra e some, acaba. Às vezes, as pedras estão muito fundas e não tem como continuar. E tem que fazer pesquisa, trabalhar mesmo manualmente e tentar descobrir as pedras.

Elodia Lebourg – Mas, por exemplo, você descobre uma jazida que vale a pena. Qual vai ser a próxima etapa?

Raimundo Mendes – A próxima etapa, no caso hoje... Hoje é muito difícil, porque esbarra com Meio Ambiente, esbarra com tudo, não é? Tem que

¹³ Distrito de Ouro Branco.

legalizar, procurar o IBAMA¹⁴, DNPM¹⁵, esses órgãos do governo, para registrar para fazer uma pesquisa para poder trabalhar.

Elodia Lebourg – Vamos supor que foi tudo aprovado. O que se vai fazer ali no garimpo?

Raimundo Mendes – Tem que fazer uma limpeza do solo, na parte de cima, na camada de cima, desmatamento, essas coisas todas, para poder chegar ao veio das pedras. Então, vai ter que fazer todo um trabalho de limpeza da região, para a exploração ficar mais fácil. Se não fizer isso, não tem como explorar.

Elodia Lebourg – Feito isso, faz-se o quê?

Raimundo Mendes – Faz a apuração. Começa a trabalhar, faz as catas, os buracos para fazer a pesquisa, os túneis, minas para seguir o veio para ver se compensa trabalhar. Às vezes, dá só um filetezinho de pedra lá e acaba; o terreno não tem nada, só deu aquilo ali e acaba. À medida que vai tirando também vai acabando, mas pode ser uma região fraca que não compensa investimento, não é? E não dá para trabalhar. Nem toda área dá para ser explorada

Elodia Lebourg – Então, tem mina para topázio?

Raimundo Mendes – Mina para topázio. Existe a mina. Em Antônio Pereira mesmo, fizeram muitas minas. Saramenha faz minas, não é? Depende do terreno, da região. Porque tem região que não agüenta, o terreno é fraco e não dá para tocar mina. Ela arria. Mesmo com escoramento é perigoso. Usam-se esses escoramentos iguais a uma mina de ouro. Segue aquele veio para explorar as pedras. Mas não é toda região que tem condições de fazer isso, não. Em Antônio Pereira mesmo, foram feitas muitas minas, no garimpo lá, onde eu trabalhei. Mas chega a um ponto em que não dá mais também, que é inviável, porque fica muito fundo e não dá para continuar.

Elodia Lebourg – O senhor trabalhou, praticamente, sua vida toda com garimpo...

Raimundo Mendes – Mexendo...

Elodia Lebourg – O senhor começou com sete anos de idade...

Raimundo Mendes – É. Praticamente sete anos de idade.

¹⁴ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

¹⁵ Departamento Nacional de Produção Mineral.

Elodia Lebourg – Mudou alguma coisa nas técnicas de garimpar?

Raimundo Mendes – Ah, hoje... Mudou sim! Há uns anos, a gente mexia manualmente. Tudo era manual, negócio de carrinho... Exigia mais esforço físico do pessoal. E era mais gente, mais pessoas trabalhando, bastante gente – todo mundo era garimpeiro ali e juntava essa turma, ia tocar um serviço, não é? E era tudo à mão. Hoje, não. Hoje tem máquina, não é? Hoje, só através de máquina se consegue explorar. Porque as pedras, a cada ano que passa, vão ficando mais difíceis, vão descendo na terra, vão só aprofundando. Então, não dá mais, é quase inviável trabalhar no sistema manual. Dentro de uma lavra, é lógico! Só através de máquina, porque tem que investir, fazer a limpeza do terreno, descer o terreno, abaixar para explorar essas pedras.

Elodia Lebourg – O senhor já garimpou outros tipos de minerais sem ser topázio?

Raimundo Mendes – Não. Nós só mexemos com o topázio. Mexi uma vez com ouro, mas foi por pouco tempo, muito pouco. Mexemos na região de São Bartolomeu¹⁶. Foi mais uma pesquisa. Não continuou, porque era muito difícil: o ouro exige muito da pessoa e apanha-se muita friagem, tem que ficar muito dentro de córrego. Manual, é muito pesado! E o custo de transporte para lá, para voltar, quase não estava compensando. Então nós desistimos.

Elodia Lebourg – Eu queria que o senhor me falasse um pouco mais dos locais onde já garimpou.

Raimundo Mendes – Olha, a gente garimpou, boa parte da vida, um bom tempo, em Saramenha, nesse córrego do Tripuí, na lavra onde hoje é a Vermelhão. Trabalhamos, um bom tempo, na jazida de Antônio Pereira mesmo. E na região próxima a Itatiaia, próxima ao Salto¹⁷... Trabalhamos ali também. Nesse tempo, a gente trabalhou garimpando essas regiões, eu mais alguns colegas aí.

Elodia Lebourg – Era um serviço por conta própria ou...?

Raimundo Mendes – Por conta própria, tudo por conta própria.

Elodia Lebourg – Como era trabalhar em cada uma dessas regiões? Uma rendia mais do que a outra? Era a melhor? Era a pior? Por quê?

¹⁶ Distrito de Ouro Preto.

¹⁷ Santo Antônio do Salto, distrito de Ouro Preto.

Raimundo Mendes – Saramenha era a melhor, porque a gente tinha mais facilidade. Na época em que eu trabalhei em Saramenha, tinha mais facilidade. Agora, nas outras regiões a gente trabalhava muito, exigia-se muito esforço físico. Em Saramenha sempre foi melhor. Nessas outras regiões, produzimos também, mas não produzimos como a gente esperava, entendeu? A gente mal conseguia fazer as despesas da gente, porque trabalhava muito e se apurava pouco. Como hoje. Hoje, a atividade de garimpo está quase parando, porque ficou muito difícil, ficou muito inviável. Praticamente, os garimpeiros estão se acabando, até diminuindo. A cada ano que passa, fica pior, fica mais difícil. Esta atividade já está acabando também.

Elodia Lebourg – Nesses locais, no Salto, em Antônio Pereira, o senhor garimpou em que época, mais ou menos?

Raimundo Mendes – Olha, em Antônio Pereira nós trabalhamos... Em Saramenha sempre. Por morar em um bairro que é tão ligado assim ao garimpo, quase... Nesse tempo todo em Saramenha. De vez em quando, a gente saía. Nós fomos para Antônio Pereira em 1980 e ficamos lá até 1983, 1984, explorando aquela região lá. No Salto, na região do rio do Salto, ali para cima, nós trabalhamos de 2002 a 2003, 2004. De vez em quando, ainda garimpo lá, ou um amigo meu vai para lá, a gente vai, leva e traz e tal. Mas a essas regiões a gente está sempre voltando, sabe? Sempre rodando: a gente passa por lá e tal. Mas sempre mexemos com garimpo.

Elodia Lebourg – Mais ou menos quantas pessoas trabalhavam com você?

Raimundo Mendes – Ah, não tem uma base de tantas pessoas, não! No meu caso, sempre trabalharam cinco, seis pessoas... Depende da região, de cada região. Na época em que trabalhei em Antônio Pereira, era muita gente: nós éramos umas 15 pessoas. Agora, quando é em um córrego, onde a gente pode trabalhar individualmente, como em Saramenha, é uma pessoa, às vezes duas pessoas juntas ali: uma, tirando material; outra, selecionando. Nessas regiões, geralmente são duas, três, quatro pessoas no máximo. Não precisa mais do que isso.

Elodia Lebourg – O senhor sabe me dizer o que é uma Área de Reserva Garimpeira?

Raimundo Mendes – Não sei. Não sei te dizer.

Elodia Lebourg – Sabe me dizer o que acontece quando se garimpa em uma área considerada ilegal?

Raimundo Mendes – Se eu sei dizer? Sei.

Elodia Lebourg – O que acontece se a pessoa é pega?

Raimundo Mendes – Olha, se a pessoa é pega trabalhando em uma área ilegal, a pessoa é presa. Lógico, não é? Não tem onde... Se estiver ilegal, não pode trabalhar. Mas hoje quase não tem pessoal em área ilegal, porque, com o trabalho da Florestal¹⁸, com o pessoal do Meio Ambiente, não existe mais. É muito difícil hoje trabalhar em uma região assim.

Elodia Lebourg – Anteriormente existia?

Raimundo Mendes – Existia. Não! Antigamente era mais liberado, não é? O pessoal trabalhava onde quisesse, onde estivesse dando pedra: só procurava. Mas hoje, com negócio de Meio Ambiente, esses órgãos todos aí fiscalizando, não é? Hoje é quase inviável. Não tem como a pessoa ficar se escondendo por muito tempo, não. Acaba sendo pega.

Elodia Lebourg – O que torna uma área ilegal? O que tem ali que a caracteriza como ilegal?

Raimundo Mendes – Geralmente, ela é ilegal porque é proibido garimpar, no caso aí... Pode ser por causa de desmatamento, assoreamento de algum córrego, um rio, alguma coisa, não é? Aí eles põem essa área como ilegal: não pode trabalhar. Às vezes, pode ser que tenha alguma nascente, alguma coisa assim, e o garimpo vai prejudicar essas áreas. Eu acho ilegal por isso. Na minha opinião, não é? Às vezes, também é ilegal... Pode ser uma área de risco também, que mostra algum perigo para a pessoa que esteja lá, garimpando. Pode ser também.

Elodia Lebourg – Alguma época do ano é melhor para garimpar?

Raimundo Mendes – Olha, [riso] é difícil te falar, porque a chuva ajuda. Esse período de chuva ajuda. Como eu te falei, a chuva cai nesses morros, nessas lavras por aí afora e leva o material para dentro do córrego. Então, o pessoal vai ao córrego e garimpa nessas regiões. Agora, varia. As lavras, por exemplo, só trabalham... Com chuva elas não trabalham, porque vai alagar o serviço do pessoal. Então, é muito relativo. Não existe uma época específica, não. Para

¹⁸ Polícia Florestal.

quem trabalha em lavra, em garimpo mesmo de lavra, a época de chuva é a pior época que tem. Agora, para quem trabalha no córrego, já é a melhor, porque aí o rejeito desce para o córrego. É difícil explicar para você. Não tem assim a... Depende muito do tipo de garimpo.

Elodia Lebourg – Mas eu entendi!

Raimundo Mendes – Mas você entendeu, não entendeu?

Elodia Lebourg – Entendi! [riso] Não foi difícil explicar, não! Eu entendi. E tem algum horário melhor para garimpar?

Raimundo Mendes – Ah! O horário melhor é durante o dia, não é? [riso]

Elodia Lebourg – Por que enxerga? É por isso?

Raimundo Mendes – É lógico! Durante o dia. Apesar de ter gente que trabalha à noite, não é? Mas de dia é melhor. [riso]

Elodia Lebourg – A gente já teve um depoente aqui, um garimpeiro, que falou que preferia trabalhar à tardinha, à noite.

Raimundo Mendes – Tem garimpeiro que trabalha à noite. Mas à noite é muito arriscado, pode machucar, acidentar. O chamado curiango.

Elodia Lebourg – Como?

Raimundo Mendes – Curiango. É o nome daquele passarinho. Quem trabalha à noite é curiango.

Elodia Lebourg – [riso] Em média, quantas horas por dia o senhor passava ou passa garimpando?

Raimundo Mendes – Não, hoje não. Hoje eu não garimpo mais, não é? Eu já não mexo mais com a atividade de garimpo. Mas a gente passava em média seis, sete horas. Não agüentava mais do que isso.

Elodia Lebourg – Por que não agüentava?

Raimundo Mendes – Ah, o esforço físico é muito grande! A coluna não agüenta, não. Arrebenta a gente. O normal é oito horas, não é? Mas, geralmente, umas seis, sete horas... Não dá mais do que isso, não. É muito cansativo, é muito pesado! A gente começa mais cedo também. Quando a gente garimpava, a gente chegava... Na época em que eu garimpava, a gente chegava ao garimpo às cinco horas da manhã. Às duas horas, três horas da tarde, já não estava agüentando mais nada. Quando nós trabalhamos em Antônio Pereira, nós saíamos de casa às cinco horas da manhã, para chegar lá. Saíamos de lá às três horas da tarde e chegávamos em casa às cinco

horas. Era difícil! A gente ia de Kombi, naquela época. Agora, em Saramenha não. Em Saramenha, nós trabalhávamos aqui perto de casa. A gente ia cedo para marcar o lugar também, não é? Porque não tinha lugar marcado. A gente trabalhava em região de córrego. Então, a gente tinha as áreas onde achava que dava mais, que eram mais próximas da lavra. Aí a gente saía de casa às quatro e meia, cinco horas da manhã.

Elodia Lebourg – Não tinha espaço demarcado para os garimpeiros? Quem chegava primeiro ficava?

Raimundo Mendes – Não, não tinha. Dentro de córrego, na época, não tinha.

Elodia Lebourg – Quem chegava primeiro ficava?

Raimundo Mendes – Na época em que a gente mexeu no Córrego Tripuí, esse córrego de Saramenha, não tinha lugar demarcado. Era de quem chegasse primeiro. Chovia, aquela enxurrada descia para o córrego, entendeu? Aí a gente procurava aqueles lugares que estivessem mais cheios, para a gente tirar aquele material. Então, não tinha lugar. Hoje você estava em um lugar; amanhã você estava em outro. Não tinha lugar marcado. Nunca teve.

Elodia Lebourg – E nesse ponto isso não dava...

Raimundo Mendes – Não, não dava desavença. Era de quem chegasse primeiro e havia uma combinação. A gente dava um jeitinho. A gente arrumava uma beiradinha para um, arrumava uma beiradinha para o outro. Quando chegasse depois... Depois que aquela pessoa fosse embora, também a gente ficava naquele lugar dela... Era assim. Lá nunca deu problema com isso, não. Agora, lavra é diferente. Nós temos aquele serviço e continuamos ali, só naquele cantinho. Mas em córrego não tem muito, não. A não ser que a pessoa chegue lá, monte ali uma barraca e fique tomando conta daquele lugar, constante. Se não for assim, não tem nada.

Elodia Lebourg – Mas isso acontecia?

Raimundo Mendes – Não, nesta região nossa aqui não. Não acontecia. Mas tem região que é assim. Ainda é assim.

Elodia Lebourg – Senhor Raimundo, como se avalia o resultado de um garimpo? O senhor comentou que, às vezes, se descobre uma jazida, mas não vale a pena continuar. Por que não vale a pena? Como é avaliado isso?

Raimundo Mendes – Não vale a pena por causa do custo, entendeu? Não vale a pena porque, às vezes, não produz. Não produz. Às vezes, o custo para

exploração, mais para deslocar de um lugar para o outro, aquele negócio todo, fica difícil mesmo, muito inviável! Às vezes também descobre, como você falou, uma jazida cuja produção é fraca, não dá. Você vai gastar mais do que você vai produzir, entendeu? Então é inviável, não compensa, porque o custo é muito alto. Hoje é difícil, muito difícil!

Elodia Lebourg – Como é feita a venda desse produto?

Raimundo Mendes – A venda é feita na região mesmo, para os comerciantes da região, para essas casas de pedras preciosas.

Elodia Lebourg – É o próprio garimpeiro que tem que vender?

Raimundo Mendes – É o próprio garimpeiro que tem que comercializar.

Elodia Lebourg – No geral, ele vende para lojas ou para turista [inaudível]? Como é?

Raimundo Mendes – Não, não é para turista. Isso aí tem pessoa certa que compra essas pedras, não é? Para a região, vem esse pessoal de BH¹⁹, esse pessoal de joalherias, não é?

Elodia Lebourg – Esse pessoal também?

Raimundo Mendes – Tem esse pessoal que compra. Sempre tem alguém que compra. Todo mundo compra. O difícil é você achar a pedra. Vender não é tanto problema. Muita gente compra, sempre aparece um.

Elodia Lebourg – Como varia essa questão do preço do topázio?

Raimundo Mendes – Do topázio é a pureza, não é? Quanto mais limpa a pedra, menos trincas, menos clivagem nas coisas, mais valor tem. E a cor, não é? A cor é fundamental. E aproveita a pedra... Às vezes, a pedra tem trinca, tem uns problemas, mas é mais a cor e o aproveitamento, a pureza da pedra. É avaliado assim.

Elodia Lebourg – O topázio tem um preço bom no mercado?

Raimundo Mendes – Tem. Tem um preço bom no mercado. Mas é como te falei. Tem um preço bom, mas as pedras estão tão escassas, tão sumidas – tem época em que somem, não aparecem –, que só dá para manter mesmo. Hoje está difícil mesmo! Você não vê ninguém ficar rico, garimpeiro ficar bem com pedra. É muito difícil. É muito difícil. Muito escasso.

Elodia Lebourg – Que tipo de problema pode acontecer em um garimpo?

¹⁹ Belo Horizonte, capital de Minas Gerais.

Raimundo Mendes – Você está se referindo a...?

Elodia Lebourg – A tudo. Invasão por outros garimpeiros, o garimpo ser fechado, garimpo em área ilegal, acidente...

Raimundo Mendes – É. Em área ilegal. Acidente, dificilmente a gente ouve falar de acidente em garimpo. Muito difícil acidente assim... Já teve acidente, mas é coisa mais do passado. Hoje o pessoal está muito mais precavido, mais preparado para o garimpo. Agora, em termos de... Repete a pergunta, por favor. Repete a pergunta.

Elodia Lebourg – Que tipo de problema pode acontecer em um garimpo?

Raimundo Mendes – Ah! Pode acontecer de a área ser fechada, aquela região já não produzir mais, ficar inviável, não ter mais onde trabalhar, não é? Problema que pode dar também é quando o Meio Ambiente, com a Polícia Florestal... Às vezes, o pessoal começa a abusar também, a degradar alguma área... Aí esses garimpos são fechados para o garimpo: acabam. E também assim: vai explorando a região, vai explorando, vão acabando as pedras, vão sumindo, vão desaparecendo. À medida que vai garimpando, vai acabando, entendeu? Chega-se a um ponto que não dá mais para trabalhar, tocar o garimpo.

Elodia Lebourg – O senhor comentou que não é muito comum acontecer acidente.

Raimundo Mendes – Não. Acidente não é muito comum, não. É muito difícil.

Elodia Lebourg – Mas que tipo de acidente poderia acontecer, hipoteticamente [inaudível]?

Raimundo Mendes – Ah, não sei! Nessas regiões de córrego, não existe assim um risco grande de acidente, não. Em lavra, uma mina pode arriar, pode soterrar alguém, uma pedra rolar lá do morro e acertar uma pessoa que esteja na área do garimpo. Esse tipo de acidente, não é? Mas dificilmente vai ouvir falar sobre isso. É soterramento assim... Soterramento: às vezes, cai uma terra e o garimpeiro está na cata, lá no buraco – a terra cai e aperta. Mas geralmente se tira o pessoal. Dificilmente acontece acidente. De muito pouco acidente a gente ouve falar.

Elodia Lebourg – Mas o senhor conhece casos de acidentes?

Raimundo Mendes – Eu conheço casos de acidentes. Conheço casos sim, mas isso já é coisa de muitos anos. De uns tempos para cá, de muitos anos para cá, a gente quase não ouve falar, não.

Elodia Lebourg – O senhor já sofreu algum tipo de acidente?

Raimundo Mendes – Não, não. Eu nunca sofri nenhum tipo de acidente. Nunca tive nada.

Elodia Lebourg – Existe alguma gíria que seja própria do garimpeiro? Alguma expressão que ele usa? Ou várias?

Raimundo Mendes – Tem, tem. No momento, eu me lembro de poucas, mas são várias gírias. Eu não sei nem se é gíria... Por exemplo, quando o garimpeiro está no garimpo e acha uma pedra boa, ele fala bamburro, não é? Quando acha alguma coisa...

Elodia Lebourg – Fala o quê?

Raimundo Mendes – É usado bamburro. Quando o pessoal acha uma pedra muito boa, por meio da qual vai ganhar um dinheiro bom, eles falam. É uma gíria que eles usam. Tem várias gírias, mas no momento assim, específico, eu não sei te dizer.

Elodia Lebourg – A gente costuma ouvir falar no ouro de tolo...

Raimundo Mendes – É, ouro de tolo.

Elodia Lebourg – Isso é uma expressão que garimpeiro usa?

Raimundo Mendes – Costuma usar essa expressão.

Elodia Lebourg – E o que é o ouro de tolo?

Raimundo Mendes – Oh, o ouro de tolo é... O que eu posso dizer para você é o seguinte: tem um mineral – eu acho que é por isso – que se chama, me parece, pirita²⁰, uma pedrinha amarela que não tem valor nenhum. Às vezes, o cara junta aquele monte, leva para casa e fala: “Eu tô rico!” Chega lá e o trem²¹ não vale nada, você entendeu? Eu acho que é isso. Usa-se muito essa expressão por causa disso. Às vezes, você acha uma pedra: você acha que vai ganhar algum dinheiro, chega lá e não é aquilo. É por aí.

Elodia Lebourg – Senhor Raimundo, atualmente o senhor não trabalha mais no garimpo, mas com pedra.

²⁰ Conhecida como ouro de tolo, sua ocorrência está associada ao carvão mineral, constituindo uma das suas principais impurezas. Por sua aparência, pode ser confundida com ouro.

²¹ Trem, neste caso, é uma referência à pirita, o ouro de tolo.

Raimundo Mendes – Trabalho. A gente está sempre envolvida com algum garimpeiro.

Elodia Lebourg – O que o senhor está fazendo atualmente nessa área?

Raimundo Mendes – Olha, hoje, nessa área, a gente está tentando assim... Eu até tenho um garimpo, eu mexo com um garimpozinho pequenininho por aí afora. Assim trabalhando não, não é? Ajudando um garimpeiro a trabalhar, dando uma força nessa área, às vezes ajudando a vender as pedrinhas deles, comercializando com eles mesmos, não é? Nessa área, eu não estou ligado diretamente ao garimpo, mas estou sempre ligado aos garimpeiros: ou ajudando a vender, ou comprando alguma coisinha deles, ajudando de uma forma ou de outra. Desse jeito eu trabalho.

Elodia Lebourg – Em relação ao seu universo profissional, como garimpeiro, tem algum fato especial, engraçado ou mesmo triste, que o senhor guardou na memória e que queira contar para a gente?

Raimundo Mendes – Olha, não. Que eu me lembre, assim de momento... Pode ser até que tenha, mas no momento é difícil, não é? Se tivesse preparado, acho que talvez... Por que você está rindo?²²

Elodia Lebourg – É por isso que eu nunca faço essa pergunta! [risos]

Raimundo Mendes – Não, tem assim... Tem. Eu tenho um fato triste. Uma vez, eu perdi um parente em um garimpo. Esse negócio que você está falando aí... Vou lembrar isso então. Mexendo em Saramenha, não é? Foi a única morte. Assim, nunca teve acidente no garimpo, como eu te falei. Em Saramenha, morreu uma pessoa no garimpo. Nesse dia eu estava lá. Por falta de sorte, eu estava lá, entendeu? A gente trabalhava em uma frente de serviço. Esse rapaz não estava trabalhando, ele tinha ido levar almoço para o pai dele. Tinha um terreno que estava descendo; nós já sabíamos que ia arriar, que essa frente ia fechar. Aí estava caindo para um lado, em um determinado lado do terreno, e nós saímos, nos retiramos do lugar, dessa cata, para esperar esse terreno fechar. E ele estava lá na ponta, em um lugar onde não se corria risco, em pé. Aí solta uma placa de terra, um torrão, no lugar em que ele

²² A entrevistadora Elodia Lebourg sorriu porque se lembrou da conversa que manteve com o entrevistado antes de começar a gravação. Nessa conversa, ele havia se mostrado preocupado com o número de perguntas, e se seria capaz de respondê-las. A entrevistadora o tranquilizou, dizendo que, às vezes, havia perguntas que não eram respondidas; outras vezes, o prazo não permitia que fossem feitas, o que gerava uma escolha de sua parte.

estava! Ele estava se preparando para correr, sabe? Pegou no contrapé, como eles falam! Esmagou-o. Nós tiramos, isso devia ter uns... Eram uns 20, 30 garimpeiros lá. Nós trabalhamos demais para tirá-lo! Tiramos com vida, mas chegou ao hospital e ele não resistiu. Aí, nossa! Eu até parei de mexer por uns tempos com garimpo, por essa coisa. A gente ficou meio abalada com isso aí. Depois, voltamos. Aconteceu uma fatalidade, uma coisa inesperada! Isso deve ter mais de 20 anos, uns vinte e poucos anos, 25 anos. Foi o único acidente fatal que teve na lavra em Saramenha. E na região também é muito difícil ouvir falar de coisa. Mas foi muito triste! Muito triste mesmo! Marcou muito.

Elodia Lebourg – Imagino.

Raimundo Mendes – Esse rapaz era até parente da gente, era primo e tal... Sobrinho do meu pai. Foi muito triste!

Elodia Lebourg – E nem trabalhava lá.

Raimundo Mendes – Não trabalhava.

Elodia Lebourg – Nossa!

Raimundo Mendes – Ele não era ligado ao garimpo, não era um garimpeiro. Como eu te falei, ele foi lá, o pai dele estava perto da gente, trabalhando em uma outra frente de serviço assim, ao lado, não é? Parece que ele tinha ido levar almoço para o pai dele. Aí entrou na beiradinha assim... E nós sabíamos que a região estava descendo, não é? E o pegou lá, sem mais sem menos. Não teve jeito. Na época, até paramos o garimpo, ficamos sem mexer.

Elodia Lebourg – O senhor falou que vocês, garimpeiros, têm um plano de fundar uma associação de garimpo em Ouro Preto.

Raimundo Mendes – Temos.

Elodia Lebourg – Como é isso?

Raimundo Mendes – O pessoal está envolvido aí, um pessoal de Rodrigo Silva. Uma turma teve algumas reuniões na Câmara²³, alguns vereadores estão empenhados nisso. O pessoal está tentando formar essa cooperativa. É mais o pessoal de Cachoeira²⁴ e Rodrigo Silva. Está em andamento a fundação dessa cooperativa, justamente para legalizar, saber as áreas onde pode e não pode trabalhar, para ter um acompanhamento, para não ficar aquela perseguição, não é? Polícia Florestal, esse pessoal, sempre estão indo às

²³ Câmara Municipal.

²⁴ Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto.

áreas para tirar os garimpeiros. Então, o pessoal quer saber onde pode trabalhar e onde não pode. E trabalhar legalizado, entendeu? Para não ficar aquela coisa como está aí, muito desorganizada. Na verdade, está organizando para saber as áreas que podem usar e as que não podem. Então, o pessoal está tentando fundar essa cooperativa para ver onde pode ser trabalhado, onde pode ser garimpado, não é? Mas também para preservar o meio ambiente que já vem bem... Acabaram com o meio ambiente, apesar de não ser tanto como o pessoal fala. Mas é bom fazer a cooperativa para dar oportunidade para mais pessoas trabalharem também, trabalharem legalizadas, dentro da...

Elodia Lebourg – O senhor está envolvido nessa fundação?

Raimundo Mendes – Eu até participei de algumas reuniões, mas agora parece que deu uma parada. Eu não estou a par do que está acontecendo, não. Mas eles estão mexendo para ver. Se for o caso, até ia ajudar em alguma coisa. Se precisar de alguma coisa, de mim, eu estou querendo participar sim.

Elodia Lebourg – Afora essa associação que ainda vai ser criada, existe outro grupo em Ouro Preto? Um sindicato?

Raimundo Mendes – Não, não. Não existe nada. A respeito de garimpo não existe nada. Que eu saiba, não. E olha que eu estava envolvido nisso aí e não ouvi falar nada! Não tem nada. Não sei informar, não.

Elodia Lebourg – Entendi. A gente vai terminar nossa entrevista agora. Queria agradecer sua presença e fazer a última pergunta. Queria que o senhor falasse o que achou de ter vindo aqui e dado seu depoimento para o Vale Registrar.

Raimundo Mendes – Olha, eu achei importante ter vindo aqui, não é? Eu não sei se vai ter muita valia o que eu falei. Espero que tenha. Mas o que eu pude falar, se for de utilidade para vocês, eu espero que vocês usem, não é? E precisando da gente, a gente está aí de volta. Se precisarem, é só me procurar. Estarei disponível.

Elodia Lebourg – Senhor Raimundo, muito obrigada pela sua presença. O que você falou vai ser muito importante sim. Vai ter muita valia, está bom?

Raimundo Mendes – Então está bom.

Elodia Lebourg – Obrigada.

Raimundo Mendes – De nada.

[Término da entrevista]